

D. PEDRO II NA PROVÍNCIA DE MINAS EM 1881: A PASSAGEM DA COMITIVA IMPERIAL POR OURO BRANCO, QUELUZITO, LAGOA DOURADA, SÃO JOÃO DEL-REI, TIRADENTES E BARBACENA.

José Antônio de Ávila Sacramento

"Deus que me conceda esses últimos desejos – paz e prosperidade para o Brasil." (últimas palavras de D. Pedro II, em 05 de dezembro de 1891, antes de morrer no exílio, em Paris).

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança e Bourbon, Dom Pedro II, foi declarado Imperador do Brasil desde a idade de seis anos, após a abdicação do pai dele, Dom Pedro I, em 07 de abril de 1831; ele assumiu (de fato) o poder ao completar os quinze anos, em 1840, tornando-se o mais jovem governante que o país já teve. Educado desde a mais tenra idade para ser monarca, Pedro II tornou-se um intelectual da mais alta respeitabilidade, cultivava paixão pelas letras, pelas ciências, e estava sempre receptivo para os aspectos culturais e as novas tecnologias de seu tempo, sempre fazendo várias viagens pelo Brasil e para o exterior.

Para (re)lembrar os 140 anos da viagem imperial à então Província de Minas Gerais, o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), sob a presidência do dr. Luiz Carlos Abritta, em parceria com o egrégio Tribunal de Justiça (TJMG), promoveu através Comissão Cultural Permanente História de Minas (presidida pelo dr. Marcos Paulo de Souza Miranda) um conjunto de preleções gravadas remotamente e disponibilizadas virtualmente através da internet. O projeto, impecavelmente coordenado pela confreira Regina Almeida e com o apoio técnico do também confrade Adalberto Andrade Mateus, abrigou palestras de diversos historiadores, estudiosos e pesquisadores que perseguiram os rastros da comitiva imperial e as memórias dos sítios que integraram aquele roteiro.

O início da viagem do casal imperial a Minas Gerais, Dom Pedro II e dona Tereza Cristina Bourbon-Duas Sicílias¹, aconteceu com a saída da Corte (cidade do Rio de Janeiro), da Estação Ferroviária de São Cristóvão às 6 horas da manhã d'um sábado, 21 de março de 1881:

“Como o de costume, o Monarca não viajou sozinho, sendo acompanhado por D. Teresa Cristina e sua dama de companhia, D. Maria Cândida de Araújo

¹ Nascida princesa do Reino das Duas Sicílias, filha do rei Francisco I, pertencente ao ramo italiano da Casa de Bourbon, e de sua esposa, a infanta Maria Isabel da Espanha. Casou por procuração com Pedro II, em 1842.

Vianna de Figueiredo, pelos senhores Ministro da Marinha, conselheiro José Rodrigues de Lima Duarte; Dr. Antônio Teixeira da Rocha, Barão de Maceió; e pelo conselheiro José Caetano de Andrade Pinto. Além dos integrantes mencionados acima, três repórteres da Corte também integraram a comitiva, sendo eles: Júlio de Vasconcelos, correspondente do Cruzeiro, José Tinoco, do Jornal do Comércio e José Carlos de Carvalho, da Revista Ilustrada e Gazeta de Notícias. Representantes da imprensa mineira também acompanharam o Imperador, dentre eles, estiveram em Ouro Preto os repórteres “Srs. J. C. de O. Vargas e Dr. Agostinho Correia, dignos representantes, aquele da Gazeta de Barbacena, e este da imprensa de Juiz de Fora.”

Segundo José Murilo de Carvalho, os visitantes pretendiam visitar “Queluz, Ouro Preto, Lagoa Santa, Morro Velho, Sabará, Santa Luzia, Mariana, São João del-Rei, São João Nepomuceno, donde seguirá a visitar a estrada de ferro Leopoldina e a do Pirapetinga”. A comitiva seguiu por trem até a cidade mineira de Barbacena e “a partir daí a viagem foi feita em liteira, pelas damas, e a cavalo, pelos homens. Durante o percurso o governante observou tudo a sua volta, descrevendo em seu diário.”. É importante salientar que o conjunto de registros e diários das viagens do imperador brasileiro acabou sendo reconhecido como Patrimônio da Memória do Mundo pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco)².

Pelo menos três motivações indicam ou tentam justificar a visita imperial a Minas. Numa carta de D. Pedro II a Condessa de Barral, ele assim declarou:

“[...] Hei de falar-lhe do mais importante da viagem, que promete ser interessante pelo rio das Velhas, navegável até o São Francisco; mineração de ouro, o exame das grutas onde o sóbrio dinamarquês Dr. Lund, que morreu junta a Lagoa Santa, perto delas descobriu muitos fósseis, entre os quais um crâneo humano. Hei de também de visitar os lugares dos sucessos da conspiração do Tiradentes e celebrados pelos versos de Gonzaga na sua Marília de Dirceu, e de Cláudio Manuel da Costa em seu poema de Vila Rica [...]” (PIRES, 2007).

O outro motivo da viagem pode ser buscado na relação do Imperador com Claude-Henri Gorceix³, importante interlocutor nessa viagem (...). Desde pelo menos em 1877 Gorceix pedia a visita de D. Pedro II para ver o andamento da Escola de Minas de Ouro Preto: “[...] que me seja permitido, majestade, escrevia em setembro de 1877, lhe dirigir um pedido, cuja realização seria, para mim, uma grande recompensa: que Vossa Majestade se digne a visitar a Escola de Minas de Ouro Preto [...]”. Em 01 de março de 1880 Gorceix dá a viagem como certa: “[...] Não poderia exprimir a Vossa Majestade [...] o quanto sua visita me acumula de alegria [...] Ficaria muito feliz se Vossa Majestade se dignasse a me

² “Trata-se da reafirmação da importância desses registros para a história da humanidade e do legado de dom Pedro II, que sempre acreditou no futuro do Brasil”, afirmou Maurício Ferreira Júnior para a reportagem da revista ISTOÉ, edição nº 2137, em 27.10.2010, quando era diretor do Museu Imperial em Petrópolis, no Rio de Janeiro.

³ Claude-Henri Gorceix, (1842-1919), mineralogista francês, fundador da Escola de Minas de Ouro Preto em 1876 e seu primeiro diretor.

informar se desejaria que me fosse outorgada permissão para o acompanhar em suas excursões nas circunstâncias de Ouro Preto [...]” (PIRES, 2007).

Haveria ainda a terceira motivação, a da questão política e administrativa, estratégia que

“serve à fixação e manutenção do poder imperial [...] Ver o Imperador corporificava um poder e uma política que muitas vezes era distante da maioria da população, fazia com que o Imperador ganhasse uma carga afetiva adicional a seu poder. [...] Os súditos vinham para o primeiro plano do teatro político – mesmo que durante um curto espaço de tempo –, eram vistos e ouvidos com atenção por D. Pedro II e sua comitiva, poderiam ter a chance de exprimir seus anseios e suas demandas. O Imperador via seus súditos dando-lhe prestígio [...], e os súditos viam seu Imperador dando-lhes prestígio [...] E, para D. Pedro II e seu governo seria a chance de conhecer, observar e anotar a vida daqueles que sempre tiveram longe do centro do poder, daqueles que são os mais necessitados das transformações que a ciência e a técnica propiciam. Um grande exercício de autoafirmação da política imperial e da imagem humana desta política, o Imperador [...]” (PIRES, 2007).

Assim, integrando uma plêiade de palestrantes da “Casa de João Pinheiro”, eu fui honrosamente destacado pela confreira Regina Almeida para gravar uma preleção virtual⁴ narrando alguns aspectos da passagem dos imperantes e comitiva pelas localidades mineiras de Ouro Branco, Santo Amaro (Queluzito), Lagoa Dourada, São João del-Rei (onde concentrei meu foco), Tiradentes e Barbacena, compreendendo o período de 21 a 26 de abril do ano de 1881.

Como aprendemos ou rememoramos através das brilhantes preleções que antecederam a esta, foi na manhã de 21 de abril de 1881 que Dom Pedro II, a Imperatriz Teresa Cristina e a comitiva real despediram-se de Ouro Preto⁵ com destino a Ouro Branco. Eles almoçaram no trajeto e sob tempo nublado e fresco, chegaram a Ouro Branco, onde encontraram-se com o engenheiro do 1º Distrito de Obras Públicas da Província, Bruno von Sperling; jantaram, descansaram, conversaram, ocasião em que o Imperador verificou papéis sobre a possibilidade da projeção de um ramal ferroviário que ligasse Barbacena a Ouro Preto e sobre a navegação ou não no Rio das Velhas.

Na manhã seguinte, 22 de abril, D. Pedro acordou bem cedo como de costume, e seguiu viagem rumo a Queluz, atual Conselheiro Lafaiete, aonde os viajantes almoçaram, e ao meio-dia continuaram a viagem, admirando a região com muitas fazendas de criação de gado, indo na direção da Serra de Camapuã até ao então Arraial de Santo Amaro, distrito de Queluz, onde foram para a casa do vigário; jantaram, mantiveram contatos com o povo da localidade. Dom Pedro fazia comentários e comparações do que via com as descrições

⁴ A preleção tem o título de “A histórica Viagem de Dom Pedro II à Província de Minas – 1881 - Campo das Vertentes – Episódio São João del-Rei” está disponível na internet desde 14 de outubro de 2021. Confira em: <https://youtu.be/CGyg5fe2Q1s>

⁵ Antes de partir da capital, D. Pedro II distribuiu a importância de “1:200\$ para pecúlio de vários escravos, 200\$ para os pobres da freguesia de Ouro Preto e 150\$ para os de Antônio Dias”. Ainda sobre os donativos efetuados, A Província de Minas publicou que: “Em Mariana e Ouro Preto Suas Majestades distribuíram mais 950\$ em diversas esmolas. Informam-nos que até sua partida desta capital os donativos generosamente feitos pelos augustos viajantes excediam já 34:000\$000” (ALVARENGA, 2012).

que lia de Saint Hilaire, buscando a legitimidade das narrativas de ambos, e abordando com elogios a hospitalidade que vinha recebendo do povo mineiro. Pernoitaram em Santo Amaro, atual cidade de Queluzito. O Imperador deixou 100 mil réis para esmolar os pobres e 100 mil réis para obras de canalização de água potável naquela comunidade.

No dia 23, como sempre, o imperador acordou cedo, leu um pouco a obra de Saint-Hilaire⁶ até a hora que foi rezar na Igreja de Santo Amaro; às 6 horas, debaixo de chuva, partiu com a sua comitiva para Lagoa Dourada; passaram por várias fazendas de gado e muitas plantações de café. Pararam para almoçar na Fazenda do Curtume, propriedade de João Ferreira da Fonseca, e logo prosseguiram a viagem. Chegaram ao Arraial de Lagoa Dourada – atual cidade com o mesmo nome, considerada a *Capital Nacional do Rocambo* – onde foram saudados efusivamente por uma comitiva de cavaleiros. Depois, o Imperador foi visitar uma mina de ouro e outros minérios gerenciada pelo major Caetano Dias da Silva; anotou tudo o que viu e o que ouviu de interessante relacionado com aquela mina – uma companhia brasileira, que trabalhava servindo-se de máquinas a vapor” -, consultando-se sempre com o engenheiro Campos. Depois, voltou para o Arraial e, como apreciava fazer, conversou um pouco com o povo; jantou, presenciou a uma apresentação musical e foi dormir. Acrescento que há em Lagoa Dourada um precioso marco da história da passagem de Dom Pedro II: trata-se d’uma antiga Figueira, árvore também popularmente conhecida pelo nome de Gameleira, e sob a sombra dos galhos daquela frondosa árvore os viajantes descansaram um pouco, fato que levou ao tombamento daquela espécie de *Ficus* como Patrimônio Cultural do Município, através do Decreto Municipal nº 1005 do ano de 2002!

Prosseguiram viagem... E eu, na tentativa de reconstituir os principais passos e trajetos dos visitantes imperiais, vou me esforçando para acompanhar o ritmo da viagem imperial, ditado pelo incansável Imperador⁷.

Na manhã de 24 de abril, como era praxe, o imperador acordou cedo, às 4 e meia da madrugada! Às 5 e meia já estava assistindo a missa na capela de Lagoa Dourada, e tão logo acabou de rezar, às 6 e meia, partiu no rumo de São João del-Rei; transitou por fazendas de criação de gado, dentre elas a de Domiciano Ribeiro de Resende, um

⁶ Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) viajou por Minas Gerais e fez uma espetacular descrição da história da Capitania: registrou as expedições, a descoberta de ouro e pedras preciosas, a criação das antigas vilas, descreveu plantas, revelou o processo de ocupação e exploração das terras, os processos da administração civil e eclesiástica, o léxico e a toponímia, citou as produções agrícolas, revelou atividades comerciais, a arquitetura, a demografia, os hábitos, as tribos indígenas, as particularidades e a situação social de homens livres ou escravos, dentre outros fatos relevantes; assim, nas suas viagens pelo interior do Brasil, o Imperador tinha a obra de Saint-Hilaire como seu “livro de cabeceira” que o acompanhava e que ele lia diariamente para que pudesse estabelecer parâmetros, cotejar ou até mesmo contestar informações daquele naturalista francês que viajou o Brasil do primeiro quartel do século XIX.

⁷ “Nasci para consagrar-me às letras, artes e ciências, e, a ocupar posição política preferia sinceramente a de senador à de imperador do Brasil. Se ao menos meu pai ou tivesse um irmão mais velho que imperasse ainda estaria eu há 58 anos com assento no Senado lutando por meus ideais da abolição, ecologia e teria viajado muito mais pelo mundo para conversar com meus amigos Friedrich Nietzsche, Charles Darwin, Graham Bell, Thomas Edison e tantos outros queridos para dividir minhas ideias e resoluções para os problemas de minha terra mãe.” (lamento que leva a assinatura de D. Pedro II e faz parte do diário que ele escreveu desde 1840 até sua morte em 1891).

sobrinho-neto do Marquês de Valença; descansou um pouco, até às 10 horas, e logo ganhou a estrada; não demorou muito para avistar a Serra de São José e, logo depois, também surgiu no horizonte a Serra do Lenheiro, elevação rochosa que emoldura a cidade de São João del-Rei.

Pararam brevemente na Fazenda do Retiro para substituir os animais das liteiras e trocar a montaria de D. Pedro; bem mais adiante, ainda no caminho, nas proximidades de Águas Santas, depararam com uma festiva comitiva de cavaleiros que jubilosamente os esperavam, dentre eles o deputado Galdino Emiliano das Neves, os juizes de direito dr. Costa Belém, e o dr. Penido que exercia o cargo na cidade de Piraí e representantes do clero; a comitiva ajuntou-se ao séquito imperial e continuaram a viagem, adentrando um pouco mais adiante na Várzea do Marçal. Logo atravessaram o histórico leito Rio das Mortes por sobre a velha ponte do Porto Real da Passagem, e o Imperador a ela se referiu como sendo “grande e boa de madeira”; mais à frente, passaram pelo então Arraial de



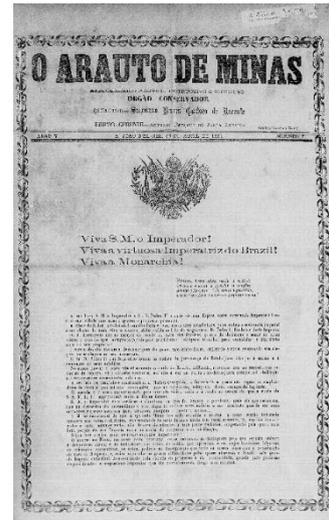
Residência do Barão de São João del-Rei, onde o casal real hospedou-se em abril de 1881

Matosinhos, atual bairro de mesmo nome em São João del-Rei, já sob aclamações e gritos de vivas e outras manifestações de apreço e de respeito, e com grande acompanhamento de povo; passaram pelo Arroio da Água Limpa, onde D. Pedro avistou os pegões em pedra

do pontilhão que haveria de servir como travessia dos trens da Estrada de Ferro Oeste de Minas, ferrovia que àquela época estava sendo construída; depois, sob ovações, entraram triunfalmente em São João del-Rei.

Às 15 horas e 15 minutos, o imperador apeou do cavalo bem defronte à casa do Barão de São João del-Rei – Eduardo Ernesto Pereira da Silva – construção ainda existente nas proximidades da igreja franciscana, onde ficaria hospedado. No local a comitiva foi efusivamente recepcionada e saudada pelas autoridades são-joanenses e pelo povo.

O jornal O Arauto de Minas⁸, periódico de São João del-Rei, assim noticiou na sua edição extraordinária e especial: “Acabam de entrar nesta cidade, acompanhados de mais de 600 cavaleiros que saíram ao seu encontro, os augustos viajantes. As ruas e praças estavam atufadas de povo que acompanha o préstito em vertiginoso júbilo. A cidade apresenta uma vista lindíssima. Grandes e soberbos arcos se levantam por toda parte, as ruas se convertem em bosques frondentes, as janelas em que o belo sexo aglomerado se inclina para ver os amados Imperantes, estão ornadas de damascos e flores. As igrejas sobressaem pela vistosa perspectiva, pomposamente adornadas. À entrada da residência imperial um gentil cortejo de lindas meninas saúda os itinerantes que sobem pisando sobre flores debaixo de um céu brilhantemente adornado. A música, de mistura com o troar das girândolas, excita o entusiasmo, e de tosos os peitos sai o unísson brado: Vivam suas majestades imperiais!”.



Sobre a Ponte da Cadeia, que já estava enfeitada de forma especialíssima, foi implantado um torreão gótico, entrelaçado de festões, com bandeiras e galhardetes coloridos, à guisa

Ponte da Cadeia ornamentada com arco triunfal para a passagem do Imperador Pedro II, em São João del-Rei - Abril de 1881



de arco triunfal para que debaixo dele o imperador passasse ao cruzar o Córrego do Lenheiro, curso d'água que corta a cidade... O arco sobre a ponte, conforme registrou o jornal O Arauto de Minas, representava “as alegrias festivas dos

peitos dos moços que ouvem o canto das cotovias entoarem canções de esperança juvenis.”.

No Largo da Igreja de São Francisco, por iniciativa de médicos e advogados de São João del-Rei, bem pertinho do local onde ficaram hospedado os visitantes, foi construído um belíssimo arco do triunfo, obra concebida pelo são-joanense Luís Batista Lopes. Na entrada do Palacete do Barão, onde ele ficou hospedado “foram colocados 13 arcos de cetim, filó e gaze, confeccionados por senhoras da sociedade são-joanense. Pendiam dos arcos fitas auriverdes, nas quais foram gravadas cativantes saudações aos distintos hóspedes.”.

⁸ O Arauto de Minas: Hebdomadario Politico, Instructivo e Noticioso (MG) - 1877 a 1889 (edições fac-similares disponíveis na página virtual da Biblioteca Nacional / Hemeroteca Digital Brasileira-<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/arauto-minas/715131>).

Na Casa do Barão ficaram hospedados o Imperador e a Imperatriz, os conselheiros Barão Nogueira da Gama, José Carlos de Andrade Pinto e Antônio Teixeira da Rocha, o Barão de Maceió; os demais visitantes e os representantes da imprensa que registravam a viagem foram acolhidos na espaçosa residência do dr. Balbino da Cunha, estilosa construção ainda existente e que fica bem próxima da Casa do Barão.

Já bem estabelecido na cidade, D. Pedro visitou a Casa da Câmara e Cadeia (atual sede do Executivo Municipal), elogiou a boa aparência da construção, notou que a cadeia, no térreo era bem arrumada, arejada e não exalava mau cheiro, mas observou que os livros oficiais ali existentes, no andar de cima, estavam um tanto quanto descuidados; a vista externa do local tinha sido alvo dos comentários de D. Pedro quando ele chegou à cidade, comparando a ponte de pedra sobre o curso d'água com a paisagem italiana do Rio Arno, em Florença; depois, ele visitou a Biblioteca Pública, a Casa da Filarmônica, o Hospital (atual Santa Casa da Misericórdia, que então acolhia 76 doentes e 30 loucos em parte separada, sendo naquela época o único asilo para loucos existente na província). Foi ver também o orfanato feminino. Neste dia, o médico da Imperial Câmara, dr. Antônio Teixeira da Rocha, visitou, em nome do Imperador, o Barão de São João del-Rei, que já bastante enfermo não pôde receber os visitantes, e acabou falecendo cerca de um mês depois.

Á noite, com a cidade em festa bem iluminada, três Bandas de Música, de São João del-Rei e da vizinha cidade de Prados, apresentaram-se pelas ruas e nos dois coretos montados especialmente ao lado da Casa do Barão; um grande espetáculo pirotécnico, com queima de fogos de bengala iluminou a noite. Logo depois das 21 horas os visitantes recolheram-se aos seus aposentos.

Na manhã de 25 de abril, como era de costume, o Imperador acordou cedo e ficou lendo Saint Hilaire. Saiu às 7 horas para visitar as igrejas de Nossa Senhora das Mercês, de Nossa Senhora do Carmo e de São Francisco de Assis, admirando principalmente o grande arco abatido, em pedra, que dá sustentação ao coro da igreja franciscana. Voltou à Casa do Barão, almoçou, e tornou a sair, desta vez acompanhado pela Imperatriz, para visitar o Colégio de Meninas São Francisco, e gostaram do que viram. D. Pedro apreciou a forma como o professor Aureliano Pereira Corrêa Pimentel ensinava o latim e o francês, conversou bastante com ele e surpreendeu-se ao saber que ele estudava sânscrito.

Depois, D. Pedro visitou o internato de meninos do padre Antônio José da Costa Machado e observou que a biblioteca do vigário continha excelentes livros. No mesmo dia, no local então denominado Prainha, região nas imediações da onde atualmente é rodoviária antiga da cidade, o Imperador inaugurou uma escola de propriedade do médico João Batista dos Santos, o Visconde de Ibituruna⁹; na cerimônia de inauguração o Imperador avistou-se novamente o professor Aureliano Pimentel, que fora destacado para ser o orador da solenidade, e, segundo o Imperador, ele fez “um curto e bonito discurso”; D. Pedro manifestou-lhe a intenção de visitá-lo, dispondo-se a ir até na casa dele para que pudessem conversar mais tranquilamente; segundo escreveu o historiador Pedro Calmon, o sábio

⁹ A escola, denominada João dos Santos, teve Aureliano Pimentel e Maria Efigênia Carramanhos como primeiros professores nomeados.

e pobre Pimentel declinou de receber a visita, afirmando que a residência dele era tão humilde, tão humilde que não seria digna para receber a visita imperial.

Ainda no dia 25, o Imperador passou pela residência d'uma sobrinha de Manuel Teixeira de Souza, o ouro-pretano Barão de Camargos, com a finalidade específica de observar um enorme pé de cambucazeiro que estava em plena produção naquele pomar, demonstrando, assim, seu interesse e gosto por botânica¹⁰.

Naquele mesmo dia, 25, o Imperador subiu o Morro da Forca¹¹, dirigindo-se até o alto da colina do Bonfim, onde fica a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, para de lá poder observar melhor a cidade. Depois, voltou para a Casa do Barão, onde jantou; recebeu as visitas d'uma comissão da Academia Nacional de Paris com a finalidade de estabelecer relações comerciais com a França. Logo depois dirigiu-se para a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, hoje Catedral Basílica, para acompanhar a celebração de um Te Deum em sua homenagem; durante a cerimônia, o coro foi dirigido pelo regente e violinista Martiniano Ribeiro Bastos, e o Imperador apreciou muito a música que ouviu. Após a cerimônia religiosa, o Imperador foi ao teatro, assistiu a um espetáculo, mas, bastante cansado, sentiu sono durante a apresentação.

Para apreciarmos com mais profundidade o teor das palavras imperiais proferidas no Alto do Bonfim, no interior da igreja franciscana, na solenidade do Te Deum e na inauguração da escola, eis alguns comentários do professor/historiador Antônio Gaio Sobrinho¹²:

“É verdadeiramente linda e risonha esta cidadela”: a frase de D. Pedro sobre aquela paisagem é comum aos demais visitantes estrangeiros ou nacionais que no século XIX passaram por São João del-Rei, antecipada até, no fim do século XVIII por Antonil, talvez mais por ouvir dizer do que pela presença dele na cidade: “o lugar é muito alegre e capaz de se fazer nele morada permanente”; então, todos os visitantes tem algum elogio à paisagem onde se estabeleceu a cidade, e D. Pedro foi mais um deles, e por ser o Imperador, para nós a declaração teve muito valor!”.

“O arco abatido de pedra que sustenta o coro é o que tem de notável”: sobre esta frase, eu faço uma correção a D. Pedro porque é impossível que ele não tenha visto mais nada de notável, sendo que o que tem de notável é só o arco abatido; melhor seria de ele tivesse acrescentado um advérbio: que o arco

¹⁰ Cambucá (*Plinia edulis*), fruto de sabor agridoce também conhecido por cambucaba, cambucó e cambicá, é um nome originário do tupi que significa “fruto de mamar”, sugerindo a maneira ideal de se consumir a fruta de polpa succulenta. O cambucazeiro, árvore nativa da Mata Atlântica brasileira, é da família das *Myrtaceae*, como a goiaba, pitanga e a jabuticaba. Até meados do século XX, cambucazeiros faziam parte da paisagem, mas, atualmente, são raridades e praticamente desconhecidos; a árvore atinge até 8 metros de altura, com flores brancas e frutos amarelo-dourado, de 4 a 7 cm, que brotam do caule da planta (como a jabuticaba) e são muito procurados como alimentos pelos pássaros e insetos.

¹¹ “Morro situado a leste de São João del-Rei, contrastando humildemente com a Serra do Lenheiro a oeste, teve inicialmente o macabro nome de Morro da Forca, em virtude de ter sido ali que, em tempos do absolutismo colonial e imperial, se erguia o patíbulo da forca, muitas vezes usado como destino final da vida de tantos infelizes”, segundo o professor Antônio Gaio Sobrinho.

¹² Antônio Gaio Sobrinho, a quem eu presto as minhas homenagens, é o grande historiador de São João del-Rei na atualidade, é membro efetivo do IHG de São João del-Rei e autor de vários livros sobre a história local.

abatido de pedra que sustenta o coro é o que tem de mais notável. Aí sim, porque é unanimidade entre os entendidos, principalmente arquitetos e engenheiros, a ousadia do construtor daquele sarapanel na Igreja de São Francisco: muito largo e muito abatido, chegando assim quase ao limite da possibilidade de sustentação, e, de fato, é uma obra notável como bem disse D. Pedro.

“A música do Te Deum foi a melhor que ouvi em Minas, dizem ser composição do padre José Maria”: na Igreja Matriz, Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, quando ele foi assistir a um Te Deum em sua homenagem, agradecendo a Deus pela vida e sua presença; todos já ouviram falar do padre José Maria Xavier, nosso compositor são-joanense, que realmente é um gênio na composição musical. Então, D. Pedro estava plenamente certo!”.

“Aureliano Pimentel ¹³ é um sábio, um verdadeiro erudito que descobriu em São João del-Rei”: Na inauguração da Escola João dos Santos, no então Largo da Prainha, cujo prédio infelizmente foi demolido, referindo-se a pessoas que estavam presentes, D. Pedro encontrou-se com o professor daquela Escola, Aureliano Pereira Corrêa Pimentel, um latinista, um erudito, um poliglota, um estudioso, grande caráter, de grande humildade e grande competência que tanto impressionou ao Imperador que posteriormente o convidaria a mudar-se para o Rio de Janeiro, onde ele iria ser o reitor do internato do Colégio Pedro II; o fato dele ter convidado o Aureliano Pimentel para o posto causou grande espanto entre os intelectuais e a elite do Rio de Janeiro daquela época, mas o Imperador confessou ao Carlos de Laet a admiração dele pelo professor Pimentel. Então, o elogio é mais do que justo e, apesar de ter causado espanto e um pouco de inveja aos intelectuais do Rio, foi realmente uma escolha maravilhosa. Depois, o Pimentel se tornou professor da Escola Pedro II e defendeu várias teses até hoje admiráveis!”.

Nas interlocuções com os habitantes de São João del-Rei, o Imperador notou que vicejavam e até mesmo já vigoravam muitas ideias ultramontanas...¹⁴. Mas, enfim, foi muito agradável a estada dos visitantes na conservadora terra são-joanense de então; o casal real e comitiva ficaram extremamente satisfeitos com a recepção que receberam em São João del-Rei. Na verdade, a cidade preparou-se bem e antecipadamente para receber a visita imperial; foi criada uma comissão especial para coordenar o evento, e as autoridades se organizaram antecipadamente para bem receber os visitantes. A preocupação e o zelo com a recepção foram extremados, visando a oferecer todo conforto

¹³ Aureliano Pereira Corrêa Pimentel (São João del-Rei, 26 de novembro de 1830 - São João del-Rei, 31 de dezembro de 1908) exerceu o magistério na Escola João dos Santos, em São João del-Rei e lecionou Filosofia no Colégio São Francisco de Assis, dirigido pelo padre João Batista do Sacramento, além de ensinar latim, português e literatura em diversas localidades. Exerceu o magistério em Ouro Preto e no Rio de Janeiro e escreveu várias obras. Defendeu erudita tese para provimento da cátedra de Português do Imperial Colégio Pedro II, onde exerceu o cargo de Reitor do Internato entre 1885 e 1888¹¹. A menção à erudição de Pimentel foi ouvida de D. Pedro II pelo jornalista, professor e poeta Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1847 - Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1927).

¹⁴ Ultramontanismo refere-se ao sistema ou à doutrina católica que busca em Roma a sua principal referência, destacando-se pelo combate aos ideais liberais e às ideias modernizantes contrárias à corte ou ao absolutismo papal, tanto no campo espiritual como no temporal, é a crença da autoridade absoluta do papa em matéria de fé e disciplina.

e tranquilidade para os hóspedes, chegando ao ponto de uma comissão especial permanecer o tempo todo dentro da residência onde hospedou-se o casal imperial, com poderes e capacidade para resolver imediatamente quaisquer necessidades que porventura houvesse da parte dos visitantes.

O Imperador partiu de São João del-Rei no amanhecer do dia 26 de abril, às seis horas, deixando a doação de 1 conto e quinhentos mil réis para o Hospital da Misericórdia, 400 mil réis em esmolas diversas, 300 mil réis para ajudar a Biblioteca Municipal Batista Caetano de Almeida, a primeira biblioteca pública inaugurada na Província de Minas, em 15 de agosto de 1827.

O cortejo imperial seguiu na direção de São José del-Rei (atual cidade de Tiradentes¹⁵), parando antes, no meio do trajeto, para o Imperador conhecer e explorar por uma hora os encantos d'uma gruta natural que fica situada ainda dentro dos limites do município de São João del-Rei, formação conhecida pelo nome de Casa da Pedra.

O jornal O Arauto de Minas, na página 3 da sua edição de 02 de maio de 1881, já passado o impacto da presença imperial, assim noticiou: “A cidade de São João del-Rei deixou de ser naqueles dias em que teve dentro de seus limites os imperiais viajantes, a abelha trabalhadora para se transformar em uma rosa formosa e luxuriante”.

No mês de maio de 1881, depois que D. Pedro já tinha regressado à Corte, o Ministro da Marinha – Lima Duarte –, em ofício datado do dia 25, agradeceu às autoridades e ao povo de São João del-Rei, em nome do Imperador e da Imperatriz, a recepção que aqui tiveram!



Saliento que a cidade de São João del-Rei teve a honra de receber a visita do Imperador por duas vezes no ano de 1881; a primeira vez, no mês de abril, tema desta preleção, e a segunda, no segundo semestre, quando, em 28 de agosto, Dom Pedro II aqui voltou para inaugurar o primeiro trecho com 100 km da Estrada de Ferro Oeste de Minas¹⁶, ferrovia que estava em construção quando da visita anterior. No entanto, um triste acontecimento impediu que os

¹⁵ No início do século XVII, descobriram ouro nas encostas da Serra de São José, e lá se formou um arraial que foi denominado de Santo Antônio do Rio das Mortes; mais tarde, passou a ser chamado de Arraial Velho, pois criou-se o Arraial Novo do Rio das Mortes, atual São João del-Rei. No ano de 1718 o arraial foi elevado à vila com o nome de São José, em homenagem ao príncipe D. José, futuro rei de Portugal; o discurso do republicano Silva Jardim sugeriu que o nome da cidade passasse a homenagear ao Tiradentes, e não um rei português, e, assim, em 06 de Dezembro de 1889, com a Proclamação da República, o nome passou a ser “Cidade e Município de Tiradentes”, em homenagem ao conjurado Joaquim José da Silva Xavier, nascido no ano de 1746 na Fazenda do Pombal, termo da então vizinha Vila de São João del-Rei.

¹⁶ Acompanharam o Imperador: S. M. a Imperatriz, o conselheiro Manoel Buarque de Macedo, o visconde José Rodrigues de Lima Duarte, dr. João Batista dos Santos, Barão e Baronesa de Widik, conselheiros Antônio Henrique de Miranda e Olegário Herculano de Aquino e Castro, senador Cristiano Otoni, Maria Luíza (dama da Imperatriz), dr. Conrado Niemeyer, dr. Herculano Pena (diretor da Estrada de Ferro D.

festejos da inauguração fossem realizados na sua plenitude: no dia 29, o Ministro de Estado dos Negócios e da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, conselheiro Manuel Buarque de Macedo, que estava acompanhando a inauguração, faleceu vitimado por uma congestão pulmonar¹⁷; diante da dolorosa situação, o Imperador, depois de assisti-lo nos últimos momentos, foi tomado por intensa tristeza e recolheu-se à Casa do Barão, a mesma residência que o acolhera na viagem anterior, em abril, e não participou mais dos atos programados, não atendeu a mais ninguém; mergulhado em justo pesar, de lá só saiu para ao final da tarde para embarcar na estação ferroviária acompanhando o cortejo fúnebre que levou o corpo do conselheiro Macedo para a Corte...

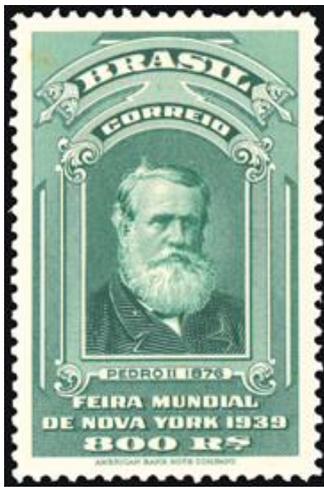
Prosseguindo no encaicho dos passos imperiais, no dia 26 de abril, após deixar a gruta Casa da Pedra¹⁸, a comitiva atravessou o Rio Elvas e chegou à São José del-Rei, atual cidade de Tiradentes; o Imperador deu uma volta pelas ruas, declarou ter achado a cidade decadente, mas apreciou a bela vista da Serra de São José, almoçou na casa d'uma afilhada do padre Lara, e conversou com Francisco Veloso, um sobrinho-neto do Frei José Mariano da Conceição Veloso. Visitou uma escola de meninos e a matriz local, igreja que não o agradou como as outras que já tinha visto. A comitiva continuou a jornada seguindo pelo leito da Estrada de Ferro Oeste de Minas, ainda em construção, passando pelo local chamado Invernada e Arraial do Barroso (atual cidade com o mesmo nome), e embarcou num trem especial às 17 horas com direção à localidade de Sítio (atual cidade de Antônio Carlos), onde chegou às 19 horas e 15 minutos; de Sítio, os viajantes tomaram o trem da Estrada de Ferro D. Pedro II e chegaram a Barbacena lá pelas 20 horas. Da estação ferroviária foram de carruagem até a casa do Visconde e da Viscondessa de Prados, o mesmo casal que os receberam no início da viagem, onde pernoveram. No dia seguinte, 27 de abril, às sete horas, os imperantes saíram de Barbacena com destino a Juiz de Fora, deixando na atual "Cidade das Rosas" a doação de 500 mil réis para o Hospital, 200 mil réis para esmolas e mais 200 mil réis para a libertação de um escravo...

Pedro II), diversos engenheiros e representante de jornais; às 22 horas, desembarcaram na Estação da Estrada de Ferro Oeste de Minas, em trem conduzido por locomotiva tendo como maquinista Felipe Marchetti. O casal imperial seguiu em carro aberto, acompanhados por multidão aclamados por aplausos, até o palacete do Barão de São João del-Rei, onde se hospedaram. A cidade estava sob farta iluminação e ostentava rica ornamentação, com artísticos arcos de flores nas ruas.

¹⁷ Macedo já estava doente há algum tempo. Sentiu-se indisposto já na viagem para São João del-Rei e seu estado de saúde foi agravando-se. Em São João foi medicado pelos drs. Lima Duarte, Azevedo Lima e João Batista dos Santos, os quais, em conjunto com os médicos Cassiano Bernardo de Noronha Gonzaga, Lazarini, Souza Fortes e José Martins de Carvalho Mourão, firmaram um sombrio prognóstico. Assim, às 9 horas de 29 de agosto de 1881, depois de receber a extrema-unção pelo cônego Antônio José da Costa Machado, faleceu o Conselheiro. Às 17 horas, o corpo dele foi conduzido para a estação, seguindo para o Rio de Janeiro, acompanhado pelo Imperador e comitiva, com cônego Machado, representando o povo são-joanense, e o dr. Francisco de Paula Moreira Mourão, representando a direção da ferrovia. Buarque de Macedo, pernambucano, nasceu em Recife no dia 01 de março de 1837, era bacharel em Matemática, formado em 1856 pela Escola Central do Rio de Janeiro; doutorou-se em Ciências Políticas e administrativas pela Universidade de Bruxelas. Foi engenheiro ferroviário, deputado-geral por Pernambuco,

¹⁸ Saiba mais sobre esta caverna em: Cassimiro, R.; RENGGER, F. E.. Visita da Expedição Langsdorff à Gruta Casa da Pedra, município de São João del-Rei - Minas Gerais. O Carste (Belo Horizonte), v. 17, p. 12-21, 2005.

Até aqui eu abordei alguns acontecimentos da gloriosa viagem de D. Pedro II a Minas, mas, para finalizar este relato, passo a tratar um pouco mais de perto a personalidade do imperador e contemplar sua estatura intelectual e moral e a influência salutar que exerceu sobre o povo brasileiro. Então, eu evidencio que D. Pedro II era um homem culto, sereno, sábio, erudito e muito bem preparado, apaixonado pela nossa terra e que demonstrava intenso amor ao povo brasileiro. Nesta viagem a Minas Gerais, assim como fazia em outras, ele observou a tudo em detalhes: indagou sobre todas as coisas e atividades, desde currais, galinheiros, vegetação, flores e plantas medicinais, pastagens, serras, riquezas minerais, muare e as vacas, insetos, pássaros e outros animais; quiz saber sobre os rios e os córregos, sobre a possibilidade de aproveitamento da navegação fluvial, sobre embarcações, sobre a possibilidade de implantação de ferrovias, sobre os costumes do povo de cada região e outras particularidades.



Assim, eu destaco o perfil de estadista de um “monarca democrático” que não atuava comodamente como mero representante oficial do estado imperial brasileiro: Dom Pedro preocupava-se com a interiorização dos meios de transporte e com o aperfeiçoamento dos meios de comunicação, tais como telégrafos e telefones; ele discutia com seus assessores os percursos viáveis e possíveis para a expansão de ramais ferroviários e de vias para navegação fluvial; ele estava sempre atento às possibilidades do desenvolvimento da agricultura e da pecuária, ele ouvia e cobrava soluções de seus conselheiros, e sabia avaliar a opinião de fazendeiros e criadores; ele demonstrava preocupação com a exploração de riquezas minerais, especialmente das que viu em Minas Gerais.

Enfim, o Imperador ajudou muitos cientistas e artistas com recursos próprios, encorajou as ciências, as letras e as artes, protegeu artistas, poetas e literatos, e durante o reinado dele nunca permitiu que seus vencimentos fossem majorados. Custeou a educação de estudantes de direito, medicina, engenharia e belas artes, manteve estudantes com bolsas de estudo na Europa, e interessou-se (principalmente) pelas escolas primárias.

Ele custeava do próprio bolso suas benemerências e as viagens particulares, e até no último momento, antes de ser expulso do Brasil junto com a família imperial, num gesto de grandeza, recusou o dinheiro que lhe ofertaram, alegando que não estaria mais trabalhando oficialmente pelo Brasil, e, então, não seria justo receber qualquer dinheiro dos brasileiros. Foi injustiçado, não esbravejou e nem reagiu, voltou para Portugal. Levou na viagem de navio um travesseirinho que não estava recheado com plumas, mas de terra, um pouco da terra do Brasil que ele tanto amou e queria guardar como recordação; e foi esse souvenir o apoio que a princesa Isabel colocou debaixo da cabeça branca de seu pai, já no caixão mortuário, cerca de dois anos depois, simbolizando a eterna lembrança da terra brasileira que ele tanto amou¹⁹.

¹⁹ No ano de 1920 foi anulado o decreto que bania a Família Imperial do Brasil e em 1921 chegaram no Rio de Janeiro os corpos de Dom Pedro II e de Dona Teresa Cristina, que estavam no Mosteiro de São Vicente

Avalio que a importância da viagem de D. Pedro II a Minas Gerais e grandeza dele para o Brasil transcende a este relatório; melhor dizendo, a relevância de D. Pedro II para o Brasil é bem maior que todas as páginas e do que todas retóricas que até hoje foram utilizadas.

Evidencio que a base das palavras que eu proferi na preleção virtual (gravada pela empresa WM Filmagens, de Vanderli Martins, em São João del-Rei/MG) e que ora escrevi, revisei, enriqueci e atualizei com mais informações, tiveram como fontes principais o “Diário de Viagem de D. Pedro II”, notadamente os volumes 24 e 25 que contém registros de 26 de março a 30 de abril de 1881, do Museu Imperial de Petrópolis²⁰; consultei fac-símiles do jornal são-joanense O Arauto de Minas, disponíveis na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional, além de outras fontes de consultas; aproveitei os escritos dos historiadores Sebastião de Oliveira Cintra, Hélio Vianna, Lilia M. Schwarcz, José Murilo de Carvalho e Pedro Calmon; utilizei algumas informações de duas dissertações de pós-graduação em História, a de João Ricardo Pereira Pires, da UFMG, e a de Susiely Alvarenga, da UFOP/Mariana, ambas de relação direta com o tema que abordei e foi enriquecido com as importantes observações do professor/historiador Antônio Gaio Sobrinho sobre as destacadas palavras imperiais proferidas na cidade de São João del-Rei, “a mui nobre e leal Villa de Dom João V, uma das que iniciaram, desenvolveram e ampliaram as várias faces da civilização do ouro, dos tempos da ênfase barroca, revolucionária às vezes, e que educou o Brasil para a sua independência tão espetacular quanto renascentista, obra de príncipe esclarecido, não de ‘condottieri’ ou caudilhos que aí estivessem a depois imitar Napoleão para mofa e desprezo da Europa, de que o melhor entre nós proveio e deu frutos”, conforme ensinou-nos o são-joanense dr. José de Alencar Ávila Carvalho (1925-2000).

de Fora, em Lisboa. Ficaram na Catedral Metropolitana. Em 1925 os restos mortais dos monarcas foram para a Catedral de Petrópolis. O Presidente e ditador Getúlio Vargas, permitiu em 1939 o traslado dos restos mortais de D. Pedro II e Dona Teresa Cristina, para o Mausoléu Imperial, uma capela localizada à direita da entrada da Catedral de Petrópolis. O túmulo foi esculpido em mármore de Carrara pelo francês Jean Magrou (1869-1945) e pelo brasileiro Hildegardo Leão Veloso (1899-1966).

²⁰ As transcrições dos 43 volumes dos diários do imperador d. Pedro II, escritos entre 1840 e 1891, foram incluídas no CD-ROM “Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891)”, publicado pelo Museu Imperial, em 1999, sob organização de Begonha Bediaga. No entanto, a publicação que, além das transcrições, traz a reprodução dos documentos originais, digitalizados, incluindo textos e imagens, encontra-se esgotada. Devido à grande procura por parte de pesquisadores e interessados em geral, e buscando atender à demanda dos consulentes, o Museu Imperial disponibiliza em seu site, em formato de texto (PDF), as transcrições das mais de cinco mil páginas que compõem os 43 diários de d. Pedro II.

Fontes consultadas:

ALVARENGA, Susiely. As viagens de D. Pedro II à província de Minas Gerais em 1881[manuscrito]: festividades, política e ciência / Susiely Alvarenga - 2012. 191f.: il.

BEDIAGA, Begonha (Org). Diário do Imperador D. Pedro II (1840-1891). Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

CALMON, Pedro. História de D. Pedro II. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1975. (Coleção documentos brasileiros).

CARVALHO, José Murilo de. D. Pedro II. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. Efemérides de São João del-Rei. 2^a ed. rev, e aum. Belo Horizonte: Impr. Oficial, 2 v. (622 p.), 1982.

PIRES, João Ricardo Ferreira. Notas de um diário de viagem à Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881). 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de história, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Império em Procissão: ritos e símbolos do Segundo Reinado. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed, 2001.

VIANNA, Oliveira. O Ocaso do Império. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1990.

